

Marcas da poesia popular e antiga na obra de Eichendorff

Márcio José Coutinho
(Mestrando em Letras – UFSM)

O poeta Joseph von Eichendorff vincula-se à escola romântica de Heidellberg, a chamada Spätromantik. Esta escola integra um grupo de poetas que travam contato a partir de 1805, englobando autores como Eichendorff, Clemens Brentano, Achim von Arnim, Joseph Görres, E. T. A. Hoffmann, Ludwig Tieck e os irmãos Grimm. Tem como orientações principais um ponto de vista histórico e filológico e um forte interesse pelo passado e pela tradição nacional. Neste sentido, o movimento em questão apresenta as seguintes características: a busca por um modelo na unidade e segurança do homem medieval em relação aos valores e tradições morais; uma consciência histórica da qual deriva a busca pelos vínculos com um passado significativo, como reação à desilusão e à instabilidade provocadas pelas incertezas políticas da época, o que leva adiante um esforço de busca pelas origens já empreendido por Johann Gottfried Herder; um interesse pelo povo, bem como pela cultura e arte de expressão popular do passado que resulta na redescoberta e na compilação de poesia popular e antiga. Este empenho em coletar obras do passado, que remontam principalmente a composições da Idade Média, concretiza-se, além da própria criação poética, na tradução da literatura estrangeira e na publicação de coletâneas de poesia popular, englobando principalmente canções (*Volkslieder*), contos de fada (*Volksmärchen*) e livros de lendas populares e épica cortesã (*Volksbücher*).

Com isso, a literatura passa a receber influência da tradição popular e oral. Sabendo, pois, que a poesia lírica de Eichendorff caracteriza-se por uma aproximação com essa vertente de cunho popular, este trabalho tem por objetivo traçar um paralelo entre a poesia deste poeta e as manifestações literárias compiladas nas obras **Stimmen der Völker in der Liedern**, de Johann Gottfried Herder e **Des Knaben Wunderhorn**, de Clemens Brentano e Ludwig Achim von Arnim. Tal esforço tem como ponto de partida a idéia de que, se a poesia de Eichendorff tem como horizonte a referida tradição, deve ter tido contato com as coletâneas de poesia popular da época e de algum modo ter recebido influência delas, seja extraindo daí alguns de seus temas, seja procurando aí formas e tons para suas composições, seja encontrando aí o conhecimento da matéria e a aproximação da tradição necessários à sua própria inserção nessa vertente e ao estilo que lhe possibilitaria encontrar a maneira própria de tratar e decantar seus temas. A própria divisão dos livros da poesia lírica de Eichendorff atestam um conhecimento da tradição lírica cantada desde a Idade Média, o que se explicita em alusões a temas, formas e modelos que remontam ao domínio do *Minnesang*. Sua obra lírica apresenta sete livros, dentre os quais serão analisados o *Wanderlieder*, o *Sängerleben*, o *Frühling und Liebe*, o *Totenopfer* e o *Romanzen*, sendo que, um devido à temática religiosa e o outro por tratar de acontecimentos históricos e idéias políticas do contexto imediato do autor, serão deixados por ora os livros *Geistliche Gedichte* e *Zeitlieder*. É possível observar já de antemão que os títulos em estudo remetem a algumas definições que caracterizam modelos referentes às canções da *Minnesang*, como se pode verificar a partir das seguintes categorias arroladas por Mansuetto Kohnen:

- **Lenzlied**: Canção em que a primavera é cantada muitas vezes em sua relação com o amor nascente. Trata-se de uma das variantes do canto à natureza. O clima iluminado, florido e vivo do despontar da estação gera estados de alegria. Os estados do

coração amoroso são constantemente relacionados com a vida da natureza. Colhem-se da natureza imagens e metáforas para homenagear a amada;

- **Maientänze:** Canções que aludem às danças do mês de maio, as quais revelam costumes vinculados à celebração em torno da alegria festiva ligada a este mês.

- **Botenlied:** Canções enviadas para expressar a saudade, como mensageiros. Ligadas à concepção do amor cortês, pois expressam os conflitos e as lutas amorosas derivadas das diferenças de classe, da hierarquia social, da relação senhor X vassalo e do envolvimento com uma dama já casada.

- **Loblied:** Canções de homenagem à amada, para a qual colhem-se não raro ricas imagens, metáforas e comparações da natureza.

- **Wächterlied e Taglied:** Canções em que se decanta o dealbar do dia e a separação amarga dos amados.

- **Klagelied:** Canções de lamúria, associadas ao rigor do inverno: o clima de inverno inspira melancolia e tristeza.

A poesia de Eichendorff vincula-se à tradição popular e antiga ao demonstrar conhecer, incorporar e mesmo aludir à essência poética inerente à canção, apresentada nas categorias arroladas. Neste sentido, o livro *Frühling und Liebe* constitui-se de um conjunto de motivos que permitem associá-lo à modalidade da *Lenzlied*, ao passo que o *Totenopfer* incorpora a concepção geral da *Klagelied*, o *Wanderlieder* tematiza o desejo de viajar e caminhar, decantando o contato do sujeito com a natureza e a paisagem, e o *Sängerleben* reflete a vida e a atividade do cantor lírico e a natureza da canção, remetendo tanto ao modelo do *Minnesänger* quanto ao papel do cantar para a vivência do ser humano: esta distinção não exclui o entrelaçamento entre temas e motivos referentes a categorias diversas no mesmo poema. Destarte, esta conceituação não está sendo empregada com o fim de inserir a poesia de Eichendorff em um sistema fechado de classificação, apenas de mostrar um conjunto de elementos através dos quais sua obra se ancora no conhecimento e na adesão a uma tradição poética originada na Idade Média. O *Sängerleben* torna manifesta a relação que o poeta tece entre a canção e preservação da tradição, o que se expressa pela vontade de cantar que denota um conhecimento da matéria antiga, como se poder verificar a partir dos versos de *Trost*¹: “Es haben viel Dichter gesungen / Im schönen Deutschen Land, / Nun sind ihrer Lieder verklungen, / Die Sänger ruhen im Sand. [...] Im Walde, da liegt verfallen / Der alten Helden Haus”; e pelo costume muito presente de cantar durante as jornadas, o que, ao evocar a própria função itinerante do *Minnesänger* e do trovador, como se verifica com base no poema *Der wandernde Musikan*²: “Scöne alte Lieder weiß ich”; assim como as andanças do viajante ou do caminheiro que muitas vezes transitam cantando, vincula o *Sängerleben* ao *Wanderlieder*, conforme se poder deduzir dos seguintes versos de *Nachts*³: “Ich wandre durch die stille Nacht [...] Mein irres Singen hier / Ist wie ein Rufen nur aus Träumen”.

Podem-se perceber entre poemas de Eichendorff e poemas das referidas coletâneas a recorrência de motivos, a similaridade entre versos, a recorrência de temas comuns tratados em relação a situações diversas ou a atribuição de uma mesma idéia a temas e circunstâncias diversas. O poema *Der Kranke*⁴, de Eichendorff, tematiza o incidente em que numa noite tempestuosa o sujeito vê do alto da torre onde se encontra sua amada a esperar no jardim; ele quer descer a fim de ir ao seu encontro, mas a morte se aproxima e dela se apodera. Idéia semelhante encontra-se no poema *Der Tod und das*

¹ Eichendorff: 96-97 – *Sängerlebe*.

² Eichendorff: 10-14 – *Wanderlieder*.

³ Eichendorff: 09-10 – *Wanderlieder*.

⁴ Eichendorff: 187-188 – *Frühling und Liebe*.

*Mädchen im Blumengarten*⁵, coletado no **Des Knaben Wunderhorn**, cujo argumento consiste em uma moça que vai ao jardim colher flores ao amanhecer a fim de fazer uma grinalda e vê então aproximar-se a figura assustadora de um homem que a aborda, reconhecendo-se logo tratar-se da morte: constrói-se como um personagem caracterizado pela sagacidade, que tenta enredar sua vítima (a donzela, a amada) em suas artimanhas, deleitando-se com sua retórica como que derivada de um jogo de sedução e com a situação da vítima, para a qual, segundo avisa, não há salvação. Retoma-se o modelo da morte como ser personificado, que de certa forma remete às imagens representadas pelas “danças macabras”, presentes no imaginário dos pintores da Idade Média. A morte é representada nos poemas como um homem descarnado e empalidecido que se esgueira a procura de suas vítimas. Daí, a importância semântica de termos como o verbo *schleichen* e o adjetivo *verbliechen*, comuns aos dois poemas. A morte é caracterizada como aquela personificação que assalta e interpela o homem quando este se encontra sozinho. A figura da morte mostra geralmente, em certo sentido, o lado inerte do ser humano a partir da idéia de que quando ela chega não há como escapar.

O tema da morte recorre na obra de Eichendorff em poemas aos quais pode ser atribuída a idéia da *Klagelied*. As canções de lamúria referem-se em sua lírica, de um lado, aos temas da fidelidade rompida e aos laços desfeitos, de outro, ao tema da morte, entendida como limite existencial, como elemento de perda, de separação cisão entre os seres e sinal da impotência do homem a sua sina. No primeiro caso, o sujeito expressa o sofrimento advindo das promessas de amor que não se sustentam. No segundo, a tristeza lutuosa do sujeito a recordar e remoer a perda da amada ou dos pais, tema central do livro *Totenopfer*, como se pode verificar nos versos dos poemas *Vesper*⁶, de Eichendorff, e *Die Todtenglocke*⁷, compilado na *Stimmen der Völker in Liedern*, de Herder. Nestes poemas, é comum o motivo do badalar do sino a anunciar a morte e prenunciar para o sujeito a tristeza da perda “Die Todtenglocke mit Trauerschall”. O soar do sino traz consigo a angústia que desencadeia no sujeito a necessidade de chorar “Nun immer weinen soll!”, carregada de significados profundos que ele identifica como presságios de perda: “sie ist nun todt!” – “Was gehn die Glocken heute, / Als ob ich weinen müßt’? / Die Glocken, die bedeuten / Daß meine Lieb’ gestorben ist!”.

Algumas das canções de lamúria de Eichendorff encontram-se no livro *Wanderlieder*, caso em que é característico o tema da viagem prolongada, da qual ao retornar o sujeito percebe tudo mudado, como se poder inferir com base nos poemas *Jahrmarkt*⁸ e *Liebesprobe*⁹. Nos dois casos, é fundamental a ação do tempo, a função de uma espécie de *Chronos* que tudo consome, ao qual nada resiste. O tempo opera uma mudança da qual resulta um não-reconhecimento, por parte do sujeito ou por parte dos seres com os quais se relaciona. Mesmo que o reconhecimento, as circunstâncias não se podem mais reverter. Diante deste clima adverso, o sujeito evoca com nostalgia os tempos antigos, sugerindo a idéia de que somente aquele passado oferecia as condições para a sua felicidade, tanto de sentir-se deslocado, não conseguindo encontra-se no presente, quanto pelo fato de ter perdido a quem ama. Estes são motivos que recorrem na poesia de maneiras diversas, elaborados em ligação com temas diversos, porque parecem corresponder a idéias que acometem o homem em situações diversas da vida.

⁵ Des Knaben Wunderhorn: 16 – Fliegendes Blatt.

⁶ Eichendorff: 227 – Totenopfer.

⁷ Stimmen der Völker in Liedern: 142-143 – Englisch.

⁸ Eichendorff: 28-29 – Wanderlieder.

⁹ Des Knaben Wunderhorn: 39-40 – Fliegendes Blatt.

Idéias que constituem um problema não resolvido do sujeito: as dores que atacam o ser humano de surpresa, ligadas às peças pregadas pelo destino.

Considerando-se a temática empregada como fio condutor em cada um dos livros de Eichendorff, que transmite uma idéia geral como elo entre os poemas, motivos, idéias e estruturas, mas também um entrelaçamento de elementos específicos de cada temática ao longo dos livros. Este particular revela-se nos textos homônimos de título *In der Fremde*¹⁰, inseridos um no livro *Wanderlieder* e o outro no *Totenopfer*. Tal recorrência parece indicar uma preocupação constante do poeta, que se desdobra não de forma una, mas multifacetada. Da mesma forma, a invocação dos tempos idos “alte schöne Zeit” refere-se ora à perda dos familiares, ora à perda da amada; assim como o *Wanderlust* pode trazer tanto a alegria da experiência da viagem e da comunhão com a natureza, quanto a referida perda de quem se ama, conforme se constata no já mencionado poema *Jarhmarkt*.

Os poemas *Frühlingsnetz*¹¹, *Das Mädchen*¹², *Morgenständchen*¹³ e *Neue Liebe*¹⁴, de Eichendorff, em sua maioria incluídos no *Frühling und Liebe*, incorporam em larga medida as características da *Lenzlied* e decantam a chegada da primavera que traz consigo a renovação, tanto em termos de ambiente: “Steigen all’ beim Morgenschein [...] Auf des Weinlaubs schwanken Sprossen”, quanto de sentimentos e estados de ânimo “so fröhlich [...] so voll Unruh’ [...] als käme über Berge selig [...] die schöne Frühlingszeit”. Este sentido de renovação vincula-se à recordação, trazendo para as emoções do sujeito as vivências e os anseios do passado: “altes Bangen, altes Hoffen!”. A estação associa-se a um clima de alegria que o amor desperta no coração dos jovens. Por isso, é central o motivo da moça na janela ou no jardim, a qual é vista ou observada pelo sujeito-lírico. Ao se traçar um paralelo entre estes exemplares e os poemas *Frühlingsblumen*¹⁵ e *Aurora*¹⁶, do **Des Knaben Wunderhorn**, é possível verificar uma aproximação, no que se refere aos motivos ligados à primavera, com a poesia compilada nas referidas coletâneas. Pode-se observar aqui uma atmosfera de encantamento que se espalha com a primavera, como um véu de magia a estender-se sobre os campos, as florestas e os jardins, sobre a relva, por entre árvores, ramos e flores. Tal aspecto é sugerido por trechos e expressões como “ein Netz wirrt”, “süße Zauberei”, “halb in Träumen”, “die Erde Frühlingschoß”, “weite Frühlingsgrund”, além dos motivos do brilho do sol “Sonnenscheine”, “beim Morgenschein”; da canção “Da hört er’s unten singen”, “Und wunderbare Lieder”, “tief im Herzen klingen”; e do canto dos pássaros “Vogelsshall”, “Sangen Vöglein”. Tal clima de encantamento refere-se a um efeito de atração que suscita a atenção e os sentimentos do sujeito: “als ob die Liebste rief”, “Ziehst draußen munter Lieb’ [...] Lockt hinaus zum Sonnenscheine”. No *Frühlingsblumen* e no *Aurora*, os motivos correspondentes são “Die Mädlein wohlgetan”, “mein Geblüt erneuen”, „Blumen blühen frei“, „Gras muß Blumen bringen“, „Herzlich [...] mich erfreuen [...] die fröhliche Sommerzeit“, „hellen Schall“, „Der Vögel leichtes Singen“. Comum aos exemplos citados é a sugestão de um clima de encanto e alegria em que a donzela vem para o espaço iluminado pelo brilho do sol e o amor atrai o sujeito pleno de sentimentos para junto dela neste espaço: o lugar

¹⁰ Eichendorff: 29-30 – *Wanderlieder*; Eichendorff: 227 – *Totenopfer*.

¹¹ Eichendorff: 171 – *Frühling und Liebe*.

¹² Eichendorff: 171-172 – *Frühling und Liebe*.

¹³ Eichendorff: 167 – *Frühling und Liebe*.

¹⁴ Eichendorff: 195 – *Frühling und Liebe*.

¹⁵ *Des Knaben Wunderhorn*: 157 – Mündlich.

¹⁶ *Des Knaben Wunderhorn*: 194 – Martin Opitz.

ensolarado corresponde por analogia ao lugar pleno dos encantos espalhados pela presença da amada.

Lírica de Eichendorff remete ainda à modalidade da *Wächterlied*, cuja temática refere-se ao momento em que, após terem passado juntos a noite, os amantes precisam separar-se. A *Wächterlied* tematiza o casal que não se pode unir legalmente ou publicamente e portanto precisa de subterfúgios para manter em segredo sua relação amorosa. Refere-se tanto a temas que lembram o modelo de Romeu e Julieta, no qual o jovem não tem a permissão dos pais da amada para desposá-la, em função da inimizade entre as famílias e por isso, é recebido às escondidas no quarto da moça. Da mesma forma remete aos casais arquetípicos do amor cortesão, como Tristão e Isolda ou Lancelot e Guinever, em que o cavaleiro mais estimado pelo rei trai sua confiança envolvendo-se com a rainha. Os casos de traição são característicos do amor tematizado na *Wächterlied*, como exemplifica o caso em que o marido vai à caça durante a noite, dando espaço para a vinda do amante ao leito de sua esposa: daí o perigo inerente ao envolvimento amoroso e a necessidade de levantar e ir embora cautelosamente antes que o raiar do dia descortine o envolvimento delituoso que a noite encobre. É o que se lê nos poemas *Abschied*¹⁷, de Eichendorff, e *Ringlein und Fännlein*¹⁸, do *Des Knaben Wunderhorn*.

No livro *Romanzen*, seus poemas aproximam-se das feições da balada, narrando acontecimentos envolvendo personagens, de modo que o sujeito-lírico é também, geralmente, um eu-narrador. As romanças de Eichendorff incorporam geralmente temas de lendas e crenças populares ou de canções antigas sedimentadas nas vozes e nos costumes das pessoas e comunidades. A canção *Das zerbrochene Ringlein*¹⁹ remonta ao motivo de uma canção antiga mas muito presente no imaginário popular que faz parte de uma dança de roda conhecida como “Ciranda-cirandinha”: na canção de Eichendorff, o motivo do anel quebrado associa-se à quebra da fidelidade entre os amados, lembrando os conhecidos versos: “O anel que tu me deste / Era vidro e se quebrou, / O amor que tu me tinhas / Era pouco e se acabou”. O motivo do anel encontra-se também na canção *Das Lied vom Ringe*²⁰, compilada no **Des Knaben Wunderhorn**. Neste poema, o motivo do anel refere-se não à tristeza causada pelo rompimento da fidelidade, mas pela impossibilidade de usar o anel ligada ao tema do amor impossível: a impossibilidade de reverter as circunstâncias provoca um sofrimento que consome o sujeito.

É nas romanças que Eichendorff decanta a lenda de Lorelei, a sereia do Reno que encanta os barqueiros levando-os à perder-se. Trata-se de uma lenda bastante conhecida entre os alemães, de modo que a descrição de Lorelei mistura os atributos da sereia, da feiticeira, da bruxa, perdendo não apenas barqueiros, mas também bispos e cavaleiros, figuras muito presentes nas histórias medievais. Como atestam os poemas *Waldgespräch*²¹ e *Der stille Grund*²², de Eichendorff, bem como a *Lore Lei*²³, de Brentano. as lendas de Lorelei valem-se daquela idéia vigente na Idade Média segundo a qual o homem deve andar acompanhado em suas jornadas, devido ao perigo de andar só, bem como da concepção do mato e d floresta como lugares propícios ao ataque das forças irracionais e sobrenaturais que podem enredá-lo, devido à distância do espaço

¹⁷ Eichendorff: 29-30 – *Wanderlieder*.

¹⁸ *Des Knaben Wunderhorn*: 147-148 – *Ungedruckten Sammlung Minnenlieder*.

¹⁹ Eichendorff: 298-299 – *Romanzen*.

²⁰ *Des Knaben Wunderhorn*.

²¹ Eichendorff: 298-299 – *Romanzen*.

²² Eichendorff: 298-299 – *Romanzen*.

²³ BRENTANO, Clemens. *Gedichte*.

civilizado: portanto é o lugar onde um homem solitário corre o perigo de ser abordado e seduzido pela fada, pela feiticeira.

A partir dos paralelos e cruzamentos entre alguns poemas da obra de Eichendorff e alguns exemplares extraídos das obras **Stimmen der Völker in Liedern**, de Herder, e **Des Knaben Wunderhorn**, de Arnim e Brentano, pode-se concluir que a relação de Eichendorff com a matéria da poesia popular e antiga pressupõe também um contato com as fontes das compilações de poesia da época, o que em larga medida influenciou a perspectiva histórica e o tratamento com a tradição nacional, configurados no interesse pelo passado que marca o movimento romântico de Heidelberg.

BIBLIOGRAFIA:

ARNIM, Ludwig Achim von; BRENTANO, Clemens. (Gesammelt von). **Des Knaben Wunderhorn**. München: Deutscher Taschenbucg Verlag, 1963. Erster Teil.

ARNIM, Ludwig Achim von; BRENTANO, Clemens. (Gesammelt von). **Des Knaben Wunderhorn**. München: Deutscher Taschenbucg Verlag, 1963. Zweiter Teil.

ARNIM, Ludwig Achim von; BRENTANO, Clemens. (Gesammelt von). **Des Knaben Wunderhorn**. München: Deutscher Taschenbucg Verlag, 1963. Dritter Teil.

BAUMANN, Barbara; OBERLE, Birgitta. **Deutsche Literatur in Epochen**. München: Hueber, 1985.

EICHENDORFF, Joseph von. **Werke**. München: Verlag Kert Desch, 1955.

RÖLLEKE, Heinz. (Hrsg. von). HERDER, Johann Gottfried. **Stimmen der Völker in Liedern**. Stuttgart: Philipp Reclam, 1975.

KOHNEN, Mansuetto. **História da literatura germânica**. Rio de Janeiro: Faculdade Nacional de Filosofia; Salvador: Mensageiro da Fé, 1960.

Der Kranke

(Eichendorff: 187-188 – Frühling und Liebe)

>>Still nur, der blasse
Tod ist's, der sacht
Dort durch die Gasse
Schleicht in der Nacht. <<
Wie mir ergraute,
Bleiches Gesicht!
Gebt mir die Laute,
Mir wird so licht!
>>Was willst du singen
In tiefster Not?
Lenz, Lust vergingen,
Liebchen ist tot! <<

Vesper

(Eichendorff: 227 – Totenopfer)

Die Abendglocken klangen
Schon durch das stille Tal,
Da saßen wir zusammen
Da droben wohl hundertmal.
Und unter war so stille
Im Lande weit und breit,
Nur über uns die Linde
Rauscht durch die Einsamkeit.
Was gehn die Glocken heute,
Als ob ich weinen müßt'?
Die Glocken, die bedeuten
Daß meine Lieb' gestorben ist!
Ich wollt', ich läg begraben
Und über mir rauschte weit
Die Linde jeden Abend
Von der alten, schönen Zeit.

Jahrmarkt

(Eichendorff: 28-29 – Wanderlieder)

Sind's die Häuser, sind's die Gassen?
Ach, ich weiß nicht wo ich bin!
Hab' ein Liebchen hier gelassen,
Und manch Jahr ging seitdem hin. [...]
Und mein Liebchen sah ich eben
Traurig in dem lust'gen Schwarm,
Und ein schöner Herr daneben,
Führt sie stolz und ernst am Arm.
Doch verblaßt war Mund und Wange,
Und gebrochen war ihr Blick,
Seltsam schaut' sie stumm und lange,
Lange noch auf mich zurück. –
[...] Keiner weiß wie unsre Herzen
Tief von Schmerz zerrissen sind.

In der Fremde

(Eichendorff: 29-30 – Wanderlieder)

Der Tod und das Mädchen im Blumengarten

(Des Knaben Wunderhorn: 16 – Fliegendes Blatt)

Es ging ein Mägdelein zarte
Früh in der Morgenstund
In einem Blumengarten,
Frisch, fröhlich und gesund;
Der Blümlein es viel brechen wollt,
Daraus ein Kranz zu machen
Von Silber und von Gold.
Da kam herzugeschlichen
Ein gar erschrecklich Mann,
Die Farb war ihm verblichen,
Kein Kleider hat er an,
Er hat kein Fleisch, kein Blut, kein Haar,
Es war an ihm verdorrer
Sein Haut und Flechsen gar.

Die Todtenglocke

(Stimmen der Völker in Liedern: 142-143 – Englisch)

[...]Auf immer ich dich lassen,
Nun immer weinen soll!
Die Todtenglocke mit Trauerschall
Ruft: sie ist todt! sie ist nun todt!
So will ich aufs Haupt dir pflanzen noch
Ein Blümchen rosenroth. [...]
Ihren Leichnam soll begleiten
Ein schöner Jungfrauenrein,
Bis sie ins Grab wird gleiten,
Und man wirft Erd' hinein. [...]
Ihre Baare sollen tragen
Jünglinge, jung und schön,
Die, wenn sie sie begraben,
Traurig von dannen gehn.

Liebesprobe

(Des Knaben Wunderhorn: 39-40 – Fliegendes Blatt)

Es sah eine Linde ins tiefe Tal,
War unten breit und oben schmal,
Worunter zwei Verliebte saßen,
Vor Lieb ihr Leid vergaßen.
>>Feines Liebchen, wir müssen voneinander,
Ich muß noch sieben Jahre wandern.<<
>>Muß du noch sieben Jahre wandern,
So heurat ich mir keinen andern.<<
Und als nun die sieben Jahren um waren,
Sie meinte, ihr Liebchen käme bald,
Sie ging wohl in den Garten,
Ihr feines Liebchen zu erwarten. [...]
>>Gestern war's drei Wochen über sieben Jahr,
Da mein feines Liebchen ausgewandert war.<<
>>Gestern bin ich geritten durch eine Stadt,
Da dein feins Liebchen hat Hochzeit gehabt. <<
[...] Die Nachtigallen schlagen
Hier in der Einsamkeit

Als wollten sie was sagen
Von der alten, schönen Zeit.
Die Mondesschimmer fliegen,
Als säh' ich unter mir
Das Schloß im Tale liegen,
Und ist doch so weit von hier.
Als müßte in dem Garten,
Voll Rosen weiß und rot,
Meine Liebste auf mich warten,
Und ist doch lange tot.

Frühlingsnetz

(Eichendorff: 171 – Frühling und Liebe)
Im hohen Gras der Knabe schlief,
Da hört er's unten singen,
Es war, als ob die Liebste rief,
Das Herz wollt' ihm zerspringen./
Und über ihm ein Netz wirrt
Der Blumen leises Schwanken,
Durch das sie Seele schmachtend irrt
In lieblichen Gedanken./
So süße Zauberei ist los,
Und wunderbare Lieder
Gehen durch die Erde Frühlingsschoß,
Die lassen ihn nicht wieder.

Morgenständchen

(Eichendorff: 167 – Frühling und Liebe)
In den Wipfeln frische Lüfte,
Fern melod'scher Quellen fall,
Durch die Einsamkeit der Klüfte
Waldeslaut und Vogelsshall,
Scheuer Träume Spiegelgenossen,
Steigen all' beim Morgenschein
Auf des Weinlaubs schwanken Sprossen
Dir ins Fenster aus und ein.
Und wir nahn noch halb in Träumen,
Und wir tun in Klängen kund,
Was da draußen in den Bäumen
Singt der weite Frühlingsgrund.
Regt der Tag erst laut die Schwingen:
Sind wir alle wieder weit –
Aber tief im Herzen klingen
Lange nach noch Lust und Leid.

Frühlingsblumen

(Des Knaben Wunderhorn: 157 – Mündlich)
Herzlich tut mich erfreuen
Die fröhliche Sommerzeit,
All mein Geblüt erneuen,
Der Mai in Wollust freut,
Die Lerche tut sich erschwingen
Mit ihren hellen Schall,
Lieblich die Vögel singen,
Dazu die Nachtigall./
[...] Des Abends fröhlich reihen
Die Mädlein wohlgetan,
Spazieren zu den Brunnen,
Bekränzten sie zur Zeit,
Alle Welt freuen sich freut in Wonnen

In der Fremde

(Eichendorff: 227 – Totenopfer)
Aus der Heimat hinter dem Blitzten rot
Da kommen die Wolken her,
Aber Vater und Mutter sind lange tot,
Es kennt mich doch keiner mehr.
Wie bald, wie bald kommt die stille Zeit,
Da ruhe ich auch, und über mir
Rauschet die schöne Waldeinsamkeit,
Und keiner mehr kennt mich auch hier.

Das Mädchen

(Eichendorff: 171-172 – Frühling und Liebe)
Stand ein Mädchen an dem Fenster,
Da es draußen Morgen war,
Kämmte sich die lange Haare,
Wusch sich ihre Äuglein klar./
Sangen Vöglein aller Arten,
Sonnenschein spielt' vor dem Haus,
Draußen überm schönen Garten
Flog Wolken weit hinaus. [...]/
Wie ein Vöglein hell und reine,
Ziehet draußen muntre Lieb',
Lockt hinaus zum Sonnenscheine,
Ach, wer da zu Hause blieb'!

Neue Liebe

(Eichendorff: 195 – Frühling und Liebe)
Herz, mein Herz, warum so fröhlich,
So voll Unruh' und zerstreut,
Als käme über Berge selig
Schon die schöne Frühlingszeit?
Weil ein liebes Mädchen wieder
Herzlich an dein Herz sich drückt,
Schaust du fröhlich auf und nieder,
Erd' und Himmel dich erquickt.
Und ich hab' die Fenster offen,
Neu zieh' in die Welt hinein
Altes Bangen, altes Hoffen!
Frühling, Frühling soll es sein!

Mit Reisen fern und weit./
Es grünet in dem Walde,
Die Blumen blühen frei,
Die Röslein auf dem Felde
Von Farben mancherlei,
Ein Blümlein steht im Garten,
Das heißt Vergißnitmein,
Das edle Kraut zu warten
Macht guten Augenschein. [...]

Abschiedszeichen

(Des Knaben Wunderhorn: 253 – Mündlich)
Wie schön blüht uns der Maien,
Der Sommer fährt darin,
Mir ist ein Jungfräulein

Gefallen in meinem Sinn.
Bei ihr ja wär mir wohl,
Wann ich nur an sie denke,
Mein Herz ist freudenvoll.

Aurora

(Des Knaben Wunderhorn: 194 – Martin Opitz)

Abschied

(Eichendorff: 29-30 – Wanderlieder)

[...] Wenn es beginn zu tagen,
Die Erde dampft und blinkt,
Die Vögel lustige schlagen,
Daß dir dein Herz erklingt:
Da mag vergehn, verwehn
Das trübe Erdenleid,
Da sollst du auferstehn
In jünger Herrlichkeit. /
[...] Bald wer ich dir verlassen,
Fremd in der Fremde gehn,
Auf buntbewegten Gassen
Des Lebens Schauspiel sehn; [...]

Ringlein und Fährlein

(Des Knaben Wunderhorn: 147-148 – Ungedruckten Sammlung Minnenlieder)

Vor Tags ich hört, in Liebes Port, wohl diese Wort
Von Wächtes Mund erklingen:

Das zerbrochene Ringlein

(Eichendorff: 298-299 – Romanzen)

In einem kühlen Grunde
Da geht einen Mühlenrad,
Meine Liebste ist verschwunden,
Die dort gewohnt hat. /
Sie hat mir Treu versprochen,
Gab mir ein'n Ring dabei,
Sie hat die Treu gebrochen,
Mein Ringlein sprang entzwei. / [...]
Hör' ich das Mühlrad gehn:
Ich weiß nicht, was ich will –
Ich möcht' am liebsten sterben,
Da wär's auf einmal still!

Waldgespräch

(Eichendorff – Romanzen)

Es ist schon spät, es wird schon kalt,
Was reitst du einsam durch den Wald?
Der Wald ist lang, du bist allein,
Du schöne Braut, ich führ' dich hrim! / [...]
>>Du kennst mich wohl – von hohem Stein
Schaut still mein Schloß tief in den Rhein.
Es ist schon spät, es wird schon kalt,
Kommst nimmermehr aus diesem Wald! <<

Wer sich auf Ruhm begibet
Und freie Tage liebet,
Der liebt Aurorens Licht;
Dann Gras muß Blumen bringen,
Der Vögel leichtes Singen
Durch alle Lüften bricht. [...]

>>Ist jemand je verborgen hie, der achte, wie
Er mög hindannen sprengen,
Der Tag gar hell will kommen schnell,
Wer leibend ruht in Frauen Hut,
Lass bald das Bett erkalten. /
Das Firmamente schnell und behend, von Orient
Im weißen Schein herspranget,
Fürwahr ich sag, aus grünen Hag der Lerchen schlag
Den jungen Tag empfanget.
Drum eil vom Ort, wer enoch im Hort
Der Liebe sei, eh Jammersschrei
Den Mut ihm mög zerspalten. << [...]
Erst war zur Stund uns Jammer Kund im
Freudenbund,
Da wir den Tag ansahen,
Wohl Mund an Mund, gar süß verwundet, im Kuß
gesund,
Und liebliches Umfahen,
Ward Liebesscherz in Scheidenschmerz
Grau treu geteilt und schnell ereilt. [...]

Das Lied vom Ringe

(Des Knaben Wunderhorn)

Was zog er von Finger sein?
Ein Ringlein, war von Gold,
>>Das nimm du Hübsche, du Feine,
Du Allerliebste meine,
Das soll dein Trauring sein.<<
>>Was soll ich mit dem Ringlein tun,
Wenn ichs nicht tragen kann?<<
>>Leg es in Kisten und Kasten,
Und lass es ruhen und rasten
Bis an den jüngsten Tag.<<
>>Und wenn ich über Kisten und Kasten komm,
Uns sehe das Ringlein an,
Da darf ichs nicht anstecken,
Das Herz möcht mir zerbrechen,
Weil ichs nicht ändern kann.<<

Der stille Grund

(Eichendorff – Romanzen)

Ein Kahl wohl sah ich ragen,
Doch niemand, der ihn lenkt,
Das Ruder war zerschlagen,
Das Schifflein halb versenkt. /
Eine Nixe auf dem Steine
Flocht dort ihr goldnes Haar,
Sie meint', sie wär alleine,
Und sang so wunderbar. [...]

Loreley

(Clemens Brentano)

Zu Bacharach am Rheine
Wohnt eine Zauberin,
die war so schön und feine
und riß viel Herzen hin. /
Und machte viel zuschanden
Der Männer rings umher,
aus ihren Liebesbanden
war keine Rettung mehr!